

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

PAULO FREIRE E A REALIDADE BRASILEIRA

TANIA MARIA MARINHO SAMPAIO

Mestre em Educação e Mestre em Filosofia.

Livre-Docente em Filosofia da Educação.

Doutoranda em Filosofia.

Professora da Universidade Federal Fluminense.

RESUMO

Este artigo visa mostrar o enquadramento sonante da nossa realidade perante um sistema planetário, que priorizou um viés estreito da racionalidade, inscrita numa versão cientificista do saber e do próprio agir. Tal vertente de interpretação, alcançando seus estertores na instalada crise da contemporaneidade, tem como contraponto de paradigma, o pensamento de Paulo Freire, a refletir sobre uma possível reversão, instalada sob a perspectiva crítico-educacional da realidade histórico-social brasileira.

Diante da leitura detalhada, da experiência no magistério e da apreensão como sujeito de mundo, é que nos voltamos para este artigo que quer, acima de tudo, quando da exibição seletiva dos argumentos-chave de Paulo Freire, dispor-se como a própria instância de "admiração" das ações com que nos envolvemos com a realidade. "Admirando" "pari passu" a nossa prática, queremos deixar em suspenso, como exercício de nossa reflexão e da nossa possível transformação, a chance de podermos, mais que apontar, estancar, de alguma forma, por algum viés, a irracionalidade exposta na nossa sociedade, desviando-a para um princípio verdadeiramente humano, posto que racional.

Ousamos, aqui entregando a instância teórica, provocar o abalo de algum gesto que interceda na nossa real prática da vida.

Selecionar e levantar questões para chegar à unidade aparentemente cindida pelos singelos critérios humanos é a tese que defendemos: discriminadas pela falsidade ideológica, as idéias do Primeiro e do Terceiro Mundo vivem e esbarram na crise comum - a crise de um exorbitante fazer humano, que luta hoje desesperadamente para romper o circuito fechado de um sistema, que desalojou o homem de sua origem e o fez circular em desvário, sob a força do poder e do dinheiro. Freire compartilhando da crítica a tal sistema, impresso também na realidade brasileira, argüi para si a responsabilidade de acenar com uma contribuição concreta, inscrita numa esfera viável historicamente.

Apresentamos, sucintamente, a forma mais global do que colhemos em Freire, a partir de uma inquirição crítico-educacional instada na realidade brasileira, sem querer com isso falsear a harmonia unitária de seu pensamento.

Frisando que a matriz modelar que visa não permitir a entrada em seu sistema, senão dos seus dois elementos constitutivos, o dinheiro e o poder, a aludida matriz acabou por entregar à contemporaneidade, um viés estreito da razão. Por isso, nossa época histórica, mais do que requer, exige a reflexão sobre o encastelamento até requintado, que esta razão entregou a uns, às custas da mesma razão, que a outros roubou a dignidade da sobrevivência. Permeando o caminho da ética que insta a própria razão sobre

as condições de vida das sociedades, a pleitear a justiça perante seus participantes; permeando o caminho da política à primeira relacionado, a indagar a ordem estrutural dessa sociedade, Paulo Freire vai discernir a via educacional como o próprio efeito antropológico da permuta que o homem trava com o mundo, enquanto seu interferidor. Nessa relação de interferência, aclaram-se as relações mantidas com a própria natureza, bem como as relações que, conseqüentemente, os homens têm de travar entre si, à cata da melhor sobrevivência.

Percorrendo o cenário mundial, verificamos que Freire alude à realidade brasileira como realidade sonante a este palco onde o homem, deslumbrado desde a Idade Moderna com o fulgor de sua razão especuladora, chega hoje aos estertores de um tipo de saber decantado em eficácia, na ordem reinscrita pelo homem sobre a natureza. Nessa ordem instrumental, onde acabou por tecnificar (tendo em mira a eficácia da produção sempre mais avassaladora) não somente os objetos de seu consumo cada vez mais farto e sutil, até as próprias relações dos homens acabaram por servir como meios eficientes para a obtenção de tal resultado.

É na esfera do progresso material que os países, inter-relacionando-se, são classificados quanto ao desenvolvimento, em nome de uma categoria econômica que nivela uns perante outros. Aí Freire viu o Brasil enquadrado, mas acima de tudo observou o mesmo modelo

realimentando a realidade brasileira.

Ao analisar a formação da nossa sociedade, Freire percebeu que após sofrer alteração nas bases de suas relações econômicas, após principalmente a Segunda Guerra Mundial, ela merecia então ocupar-se de um processo de reconstrução, representada pela libertação da luta de seu povo.

Pela década de 60, a idéia de uma educação popular, antagonizando-se a uma pretensa educação dominante ou educação de elite, vai pretender com Freire, assumir a extensão de uma educação nacional. Na forma de conceber a educação como um trabalho político, o qual estava esmaecido sob o manto da "missão pedagógica do civilizador", torna-se então desvelada por Freire, a intenção de cumprir a missão política do trabalho de libertação, também pela via do ensino e da educação. Seu projeto educacional contudo, não se dirige para uma posição tão-somente politicamente utilitária dentro dos quadros de uma nova sociedade, mas há a proposta - e aí se implanta a instância ética de Freire - politicamente mais humana, de propiciar, com o poder do saber do homem libertado, um homem livre em termos ontológicos.

A proposta de libertação do homem propalada por Freire, nos permite compreender a relação dialética opressora que vinha impressa historicamente na sociedade brasileira (bem como nas nações mais desenvolvidas em relação às menos), no tocante à sua forma de produção, que carregava para si um tipo específico de saber e o conseqüente nível de relação dominadora dessa produção e desse saber advindos. Acima de tudo constatamos que, na esfera epistemológica, a linha da ciência desdobrada mais recente-

mente pelo positivismo em cientificismo, perfaz o nosso lastro histórico (quer na teoria do conhecimento, quer nas relações de poder).

Sabemos que o cientificismo, como atitude intelectual, tendo se firmado no mundo no século XIX, na "era da positividade", fez-se crédulo em demasia no poder da razão científica, como que a decretar o fim de toda filosofia, uma vez que o discurso científico seria capaz de, por si só, enunciar todas as verdades - é o valor absoluto que a ciência encarnou em si. Pode-se deduzir daí, que a ciência se faz capaz de entregar certezas definitivas a respeito de uma realidade, que prescinde de ser considerada como uma realidade humana.

A mentalidade cientificista contemporânea que defende a neutralidade desse tipo de saber, validando-o independentemente das condições sociais e das formas culturais, acaba por identificar a verdade com o conhecimento científico. A ciência e a tecnologia que dela provém é que poderão resolver as questões humanas quaisquer que elas sejam, sendo somente os assessores técnicos, os habilitados a participar das decisões, posto que somente eles "sabem". O método experimental e dedutivo, logrando êxito em várias esferas da investigação e das realizações humanas, passa a encarnar uma função imperialista ao identificar-se com a Razão, dirigindo tudo o que não consegue assumir à instância do meramente "irracional", "não-humano", ou simplesmente subjetivo.

Com essa caracterização, o cientificismo contemporâneo humanamente mais totalizador que o do século XIX, vai da ordem de um cientificismo doutrinário a um cientificismo "de vida" para todos os homens, mediante as relações que os entrecamam.

Este quadro revelador do cientificismo tomado como o princípio organizador da existência humana individual e coletiva, vemos também instalado na realidade brasileira que Freire quer reverter. Percebemos com Freire, a enorme força anti-revolucionária desse tipo de cientificismo, o que não nos dispõe a compreendê-lo como estático e conservador, pois ao contrário, ele instaura um crescimento desmesurado e a conseqüente deriva do ser humano. A única força conservadora nele presente é a relação de dominação que quer garantir para essa sociedade, o usufruto dos progressos materiais por aqueles que agasalham um "poder impessoal" extremamente forte.

Paulo Freire tendo que a verdadeira vocação ontológica do homem é ser sujeito, e como tal não permitir-se objeto de forças tecnicificadoras sobre si, argüi para o homem, a capacidade de ele atinar com uma espécie de espontaneidade revolucionária. Tal despertar implica na percepção de que essa modalidade de crescimento do universo humano da ciência acarreta riscos graves, que embora não percebidos lucidamente por todos os membros da sociedade, traz a todos inquietações. O que Freire quis ressaltar é que embora na condição de oprimidos pela força implícita de homens que carregam em si um saber ao qual não têm acesso, e apesar ainda de deslumbrarem-se diante de tal saber, a passividade não é a característica central que torna esses homens dominados. Existe pulsando neles, e aí Freire aponta a condição potencial de sujeito instalada em cada homem, a força de resistência a tal condição de opressão e a vontade, ainda que não consciente, de reversão de tal estado. O não usufruto do que a tecnologia dispõe, provoca-lhes o aguça-

mento de um desejo que mais adiante se faz frustrado, em concomitância à desconfiança da ameaça desse progresso, que de certa forma páira sobre todos os homens.

Por isso Freire, partindo de uma preocupação ética inscrita nas próprias relações comunicativas dos homens, se torna adepto de um conhecimento crítico, isto é, um saber consciente de seu papel real, preocupado em controlar as suas próprias atividades *dentro da sociedade, dentro de um contexto cultural concreto*. Freire propõe o caminho do transitar da consciência humana que pressente, a qual ele chama de "consciência transitiva ingênua", para a real "consciência transitiva crítica".

A proposta de educação em Freire, vem assim casar-se à percepção e à análise do tempo histórico, que quer entregar ao homem a possibilidade de conscientizar-se, processo nuclear em sua obra. Tal conscientização significa a transformação do modo de pensar, com resultados sempre inacabados, perante uma prática política humanamente refletida, arrastando para si uma nova lógica e uma nova compreensão do mundo. Quer Freire o homem conscientizado, comprometido criticamente, pensando a sua prática, com a intenção do permanente desvendamento da opressão simbólica que lhe é imposta e da possível reversão que essa luta política acarreta.

Nesse quadro, onde as relações políticas que estruturam a sociedade se afinam a uma forma tal de conhecimento que visa endossá-las, é que Freire vê a educação não com a ingenuidade de fazê-la salvadora das injustiças e das disparidades que os homens interessadamente tecem nas suas armações sociais. Mas Freire aponta a educação, e em especial o proces-

so de alfabetização de adultos, como mais um caminho de instalar verdadeiramente o homem na sua realidade histórica de mundo.

Destarte seu intento filosófico, no qual podemos ler uma proposta ético-política para a alfabetização, nos aponta para a alocação do homem numa forma de conhecimento que lhe situe concomitantemente na vida, mediante um permanente inquirir de sua prática real, concreta, histórica. A adequação que Freire evidencia em seu método, entre a prática da vida do alfabetizando e a possível reflexão dessa prática, numa teoria que propicia a condição de leitura e escrita, fazem compatíveis entre si a teoria e a prática, ou seja, viabiliza a leitura do mundo fazer-se coerente à leitura autêntica da palavra, que por sua vez retraduz o mundo real. Caracteriza Freire nessa relação sonante teoria/prática, onde a ação/reflexão nela se inscreve, um conhecimento autêntico do mundo, compatível ao que ele chama vocação ontologicamente histórica do homem. Desdobrando um pouco mais, vemos o aliançar de um conhecimento não destacado da realidade do alfabetizando, da sua vida concreta, do seu elo verdadeiro com o mundo, ou ainda, a coerência com o seu transitar ontológico para a elaboração antropológica da sua cultura, num "quefazer" autenticamente histórico.

Em última instância, Freire aliança a alfabetização no seu conteúdo (teórico) do aprender a ler-e-escrever com a ação mesma do homem, o que permite compreender que Freire quis propor a unidade dialética entre o aludido conteúdo do conhecimento, com a prática do homem na sua realidade. A aquisição crítica do conhecimento efetiva assim a conscientização humana, possibilitando

sempre mais a transformação do homem perante si mesmo, como permite a abertura para possíveis transformações que o homem possa vir a efetivar no mundo.

O tipo de conhecimento a que Freire alude, não é pois um conhecimento que vise apenas às classes que se querem condutoras de uma sociedade partida, onde o fenômeno da modernização a elas tão-somente diz respeito, como instância fluante sobre sujeitos por ela transformados em eficientes objetos. O fenômeno assim de invasão cultural em Freire perde para a entrada de uma síntese da cultura, advinda das classes menos favorecidas, em comunhão à liderança revolucionária, que àquelas tendo-se juntado, provocam a revolução cultural da sociedade, ao fazerem da alfabetização uma nova forma de ação cultural.

A Alfabetização em Freire vai insistir na conexão profunda entre a cultura da vida cotidiana e a política revolucionária. A sua ação pedagógica, integrando-se com a cultura e a política, faz-se eminentemente antropológica, desfazendo a neutralidade do saber que a educação de tipo bancária, tradicional, coerente aos princípios de uma concepção neutra de ciência quis se valer, na forma de uma ação cultural antidialógica.

E o diálogo, cerne de todo o seu processo revolucionário, é que vai garantir, nesse seu universo, que os sujeitos não mais se posicionem "descentralizadamente", mas enraíza-os na luta histórica. Luta esta onde a subjetividade humana não é jamais reduzida a um conjunto abstrato de signos.

O diálogo é que vem ainda ancorar o homem numa multiplicidade de relações sociais, as quais possibilitam a Freire mol-

dar sua versão original de ação pedagógica, que como depreendemos, se faz simultaneamente uma ação política cultural revolucionária.

O sentido anti-revolucionário a que aludimos, impresso numa sociedade instalada numa forma de saber "neutro", inacessível à massa da população, condiz com a falta de uma dimensão utópica. Posto que seu ponto de chegada, não é o da revolução ou transformação, mas o movimento que ela admite vem marcado sempre pela mesma direção atual: o maior avanço, o maior progresso, o maior lucro, traçados para além, são somados ao já existente.

Para Freire, a prática revolucionária que o diálogo abre, inscreve o homem numa dimensão utópica de vir-a-ser, por natureza, o que ainda não foi, assumindo o povo, o papel de sujeito, na precária aventura de transformar e recriar o mundo.

O seu método de alfabetização, pautado em tais princípios, além de derrubar um conhecimento falso, dissonante do homem oprimido, aponta a cultura como um campo de luta pelo significado que nunca é neutro, mas que se encontra sempre imbuído de uma pluralidade de valores e intenções que são, por sua própria natureza, dialógicos. Podemos concluir que o seu entendimento de cultura passa por uma esfera onde os discursos são criados e tornam-se envolvidos na luta pelo significado, não se fazendo por isso despolitizada, posto que permanece sempre conectada à vida mesma dos sujeitos e às relações de classe que a inspiram.

O diálogo, como alinhavo das idéias freireanas, vem anunciar o foro do inacabado e por conseqüência, a viabilidade humana para a sempre possível concretude histórica.

Percebemos que é no princípio do diálogo, que em Freire se instala a real condição humana, que trabalhada numa concreta ação educativa, permite ao homem extrapolar as atuais situações-limite, na sua relação permanente de conhecimento do mundo, o qual se faz objeto cognoscível inesgotável, frente as infinitas versões que os sujeitos entre si inscrevem no processo histórico.

De resto, nos compete realçar o entrecho de criticidade que delineou o pensamento de Freire: o seu a mais, a sua eminentemente contribuição à reversão da crise planetária que se estende até a realidade brasileira, se traduz quando Freire entrega, prioritariamente, um método de alfabetização que arrasta para o mundo real, concreto, o referido perfil da criticidade humana.

Quanto mais essa criticidade se desenvolver no espírito humano, mais sua proposta pautada numa instância-patamar da educação, a alfabetização, abrirá a perspectiva para reversão ético-política da reconquista da verdadeira dimensão histórico-social do homem.

O diálogo pleno, na sua infinitude de utopia absoluta, poderá promover, nos sucessivos tempos históricos, o rompimento do "Círculo de Cultura" de seu processo de alfabetização, para o "Círculo de Mundo", a propor essa criticidade comunicativa como a instância aberta da sempre possível e incessante libertação humana.

Assim, Freire preconiza uma verdadeira práxis educacional que aponta um dos caminhos auxiliares para o abalo ético, político e epistemológico da devastação irracional, a qual nutre a relação opressora que se abate sobre a realidade social brasileira.

ABSTRACT

This article tries to show the adjustment of our reality to the planetary structure, which arose reasoning power in the scientific viewpoint of learning and of action itself. This scientific viewpoint, gaining grounds in the outcome crisis of modern times, must be reflected as a possible reversal on the antagonism of Paulo Freire's thought, underneath the critical, educational, social and historical Brazilian actuality.

Referências Bibliográficas

- JAPIASSU, Hilton. *O Mito da neutralidade científica*, Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- JURGEN Habermas: 60 anos. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 98, jul./set. 1989.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- Conscientização*. São Paulo: Moraes, 1980.
- Educação com prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.